

CEDI

Povos Indígenas no Brasil

Fonte:

Jornal de Brasília

Class.:

YAR01411

Data:

18.01.90

Pg.:

Os Yanomami e nós

Laymert Garcia dos Santos

Atolados na grande crise, atormentados por seus problemas, os brasileiros parecem não estar se dando conta da dimensão do que está acontecendo em sua terra. Em meio à indiferença geral, há uma tragédia de grandes proporções envolvendo, de um lado, os Yanomami, de outro, milhares de garimpeiros cujo trabalho e condições de vida se assemelham aos dos escravos da Antiguidade. E, por fim, acima deles, abrindo as asas protetoras, tal um imenso vampiro, um Estado moderno aliado a poderosos interesses.

A tragédia é impressionante por ser muito maior do que aquelas que a literatura nos conta. A tragédia é trans-histórica e transnacional, extrapola os limites do tempo e do espaço no qual habitualmente pensamos viver. A tragédia dos Yanomami abarca e movimenta, na atualidade, as realidades de diferentes idades do homem, pois nela encontramos a realidade do homem primitivo em contraste e confronto com a realidade do escravo bíblico, ambas por sua vez em contraste e confronto com a realidade do homem da era industrial. A tragédia dos Yanomami afeta e transforma todas essas camadas de realidade reunidas num desencontro atroz.

O cidadão brasileiro que lê jornal — que portanto mora em cidade, come diariamente e não está arrancando a vida com a mão —, se prestar um mínimo de atenção, ficará choçado com a barbaridade da situação e principalmente com o modo como as autoridades deixam-na evoluir. A atuação do governo é tão inumana, tão irresponsável, tão cínica, que merece um tribunal internacional para responsabilizá-lo por crime contra a humanidade.

E, no entanto, é preciso perceber com a maior clareza que não podemos mais esperar nenhuma solução vinda do Governo Federal. Mais ainda: é preciso perceber que não podemos esperar mais, é preciso dizer com todas as letras que não aceitamos como algo inexorável, como uma fatalidade, o extermínio dos Yanomami em nome de um lucro que nem ficará

nas mãos dos garimpeiros miseráveis.

O Governo Federal não ignora o rumo que as coisas estavam tomando. Em junho de 1989, a Comissão de Ação pela Cidadania publicou um relatório sobre a viagem a Roraima que acabara de realizar. Ali, nesse "Roraima: o Aviso da Morte", está o essencial — foram descritas as agressões e analisados os conflitos, foram feitas propostas de solução, foram recomendadas ações. O governo não só defendeu os índios que tinham invadidas suas terras legítimas, como multiplicou os obstáculos para que a Justiça fizesse respeitar os direitos dos Yanomami. E quando o Poder Judiciário determinou que fosse cumprida a lei, o que se viu foi uma pantomima vergonhosa, uma encenação escabrosa, que afronta a tudo e a todos.

Ora, se não podemos esperar mais nada do governo e não podemos esperar mais, só resta uma saída — trabalhar para a internacionalização da questão indígena. Se o Estado nacional não consegue fazer cumprir a sua própria lei, se nem o Judiciário é ouvido pelo Executivo, temos de apelar para outros dirigentes e outros povos capazes de nos dar as forças que nos faltam para impedir o massacre.

Os ouvidos nacionalistas, de esquerda e de direita, estremeceem diante de uma proposta como essa. A eles, cabe perguntar: desde quando os brasileiros trataram os índios como brasileiros? E será que os índios podem e devem se considerar brasileiros? E como exigir que se reconheçam brasileiros se os tratamos como o outro, o estrangeiro, pior ainda, o inimigo mortal, a quem negamos a terra e a própria vida? Os Yanomami têm a infelicidade de morar dentro do Brasil, o que os torna "brasileiros". Mas antes de serem brasileiros pertencem à humanidade. Nós também. Primeiro somos vida humana — ou o instinto vital não tem primazia sobre o instinto de nacionalidade?

Trabalhar para a internacionalização da questão indígena implica numa desilusão muito grande com o Brasil como nação. Mas talvez tenhamos mesmo que nos desiludir e

que isso nos seja altamente positivo, talvez tenhamos que abdicar de uma esperança de Brasil, o que não significa, de modo algum, renegar nossos laços com a terra e com a cultura que floresceu aqui. Desiludidos com o Estado, talvez vejamos então surgir uma outra maneira de fazer política.

O mais curioso é que foram os próprios índios que nos mostraram o caminho. Refiro-me à aliança Roani-Sting. Para além das questões de raça e classe, para além das diferenças econômicas, sociais e políticas, passando por cima das ideologias e até mesmo da idéia de nação, para além dos interesses de países, a aliança Roani-Sting é imediatamente e desde o início local e planetária, primitiva e ultratecnológica, imemorial e absolutamente contemporânea. Uma aliança que vincula a sobrevivência de um povo à sobrevivência da humanidade, e que subordina o valor econômico ao valor inestimável da existência da diversidade de culturas, de diferentes formas de vida.

E se por um lado é importante sublinhar que essa aliança se faz sem nenhuma subordinação entre os parceiros, por outro cabe notar que ela harmoniza a sabedoria viva de um mestre com o saber depositado na mais sofisticada tecnologia. Sem os satélites, sem os aviões, sem os computadores, sem o telefax, o telefone e as redes de comunicações não teria sido possível a volta ao mundo que fez de Roani um dirigente respeitado pelos governantes dos países mais poderosos do planeta, que internacionalizou o problema de seu povo e arrecadou um milhão de dólares para a Fundação Mata Virgem. Hoje os Caiapós podem assegurar a demarcação de suas terras, sabem que poderão viver em paz.

Vamos internacionalizar a questão indígena.

SOS Humanidade! Urgente: ajudem-nos! Os Yanomami, um dos povos mais antigos do mundo, não podem desaparecer.

□ Laymert Garcia dos Santos é professor da Unicamp